

“O QUE FALTA FAZER? TESTES, TESTES, TESTES, RASTREIO, RASTREIO, RASTREIO!”



“Temos hoje um medicamento com 97 a 98% de taxa de cura e salvaram-se milhões de vidas”

“Há doentes à espera entre nove e 12 meses por um medicamento que os cura em três meses”

O que trará de novo a atribuição deste Prémio Nobel à vossa intervenção?

Emília Rodrigues (ER) – Traz de novo o facto de voltar a falar-se da Hepatite C. Foi muito importante, só peca por vir tarde porque a Hepatite foi descoberta há 28 anos e foi preciso esperar todo este tempo. Esta descoberta salvou muitíssima gente. Temos hoje um medicamento com 97 a 98% de taxa de cura e salvaram-se milhões de vidas.

Recuando no tempo, o que mudou desde então na intervenção da SOS Hepatites e que dificuldades persistem ainda hoje?

ER – Mudou muita coisa... nos primeiros anos, até 2011, tivemos um medicamento terrível, o Interferon e a Ribaverina, com imensos efeitos secundários; entre 2011 e 2015, tivemos o Boceprevir e o Teleprevir, cujos efeitos secundários eram ainda piores; em 2015, chegou a luz ao fundo do túnel para a maioria dos doentes, um medicamento com 97 a 98% de taxa de cura, que salvou muita gente. Até finais de 2017, os medicamentos eram pagos pela ACSS, o que findou a partir de janeiro de 2018. Ao acabar, são as administrações hospitalares que pagam as medicações e estamos neste momento com muita dificuldade em ter acesso à medicação, há doentes à espera entre nove e 12 meses por um medicamento que os cura em três meses.

Do rastreio e análises ao tratamento vai um caminho enorme... Já o tratamento parece ser muito simplificado...

ER – Sim, o tratamento consiste num comprimido diário durante dois ou três meses. Reafirmo: são 97 a 98% de cura ao estender de um braço que, na maioria dos hospitais, não é dado. O médico prescreve e fica por ali... tenho um caso de uma utente da Madeira, cujo médico prescreveu a medicação, mas o hospital comunicou-lhe que não lhe daria este ano. Contactei a farmácia hospitalar que me confirmou-me que não haveria medicação até ao final do ano (ainda não estávamos em pandemia) ... bastou-me comunicar que iria transmitir a situação à comunicação social e, três semanas depois, a utente tinha a medicação... Mas nem todos chegam a nós por forma a que eu possa contactar a farmácia hospitalar.

Mas este medicamento chega ou não a todos os doentes?

ER – Chega àqueles que fazem o rastreio e descobrem que têm Hepatite C e àqueles em que a administração hospitalar compra a medicação.

O que faltará então fazer para atingirmos uma posição de sucesso no tratamento?

ER – Testes, testes, testes, rastreio, rastreio, rastreio! A SOS Hepatites está a desenvolver um projeto nesse sentido e que em breve será tornado público.

Temos que rastrear toda a população?

ER – Devíamos... principalmente os baby boomers, sobretudo os nascidos entre 1945 e 1985. É muito dinheiro para o Estado, tenho consciência, mas iríamos saber quantos são na realidade. Há imensa gente que esteve na guerra e está viva, há muita gente que fez tatuagens e piercings antes de 1992... quem foi mãe, quem foi ao dentista, quem levou sangue, quem caiu e levou um ponto sem material esterilizado... Quando o médico pede o hemograma, devia constar o teste para a Hepatite B e C, quem não tivesse anticorpos da B seria vacinado, quem fosse portador da C tratava-se. Convinha que a tutela pensasse nisso.